

DOBRAS DO ESPAÇO: APONTAMENTOS SOBRE A ARTE, IMAGENS E SONS NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Cláudio Benito Oliveira FERRAZ*

Bianchi Agostini GOBBO**

Resumo: Este texto apresenta considerações teóricas derivadas da articulação de dois projetos de pesquisa. O projeto CARTOGRAFIAS SONORAS: SONS/IMAGENS NA DINÂMICA ESPACIAL DE DOURADOS (MS) – POSSIBILIDADES PARA O ENSINO E PESQUISA EM GEOGRAFIA (Processo CNPq 408891/2013-0), que desenvolve diversas atividades realizadas no interior do Grupo de Pesquisa Linguagens Geográficas em parceria com o Grupo de Pesquisa (Geo)grafias, Linguagens e Percursos Educativos, ambos vinculados a Rede Imagens, Geografias e Educação. No interior de tal projeto se encontra a pesquisa de doutorado DOS SONS DO ESPAÇO À CARTOGRAFIA SONORA DA CIDADE DE DOURADOS – POR UM DEVIR NÃO SURDO DA GEOGRAFIA. Problematicamos o ensino de Geografia e o lugar que as imagens ocupam nesse processo. Com base na filosofia da diferença apontamos a potência de se trabalhar com a sonoridade espacial no sentido de enriquecer os referenciais geográficos e de suscitar outras cartografias.

Palavras-chave: Dobras espaciais, Cartografias, Sonoridades

FOLDS OF SPACE: NOTES ON ART, IMAGES AND SOUND IN GEOGRAPHY TEACHING

Abstract: This paper presents theoretical considerations derived from the articulation of two research projects. The project CARTOGRAPHIES SONOROUS: SOUND/IMAGES IN DYNAMIC SPACE IN DOURADOS (MS) - POSSIBILITIES FOR EDUCATION AND RESEARCH IN GEOGRAPHY, which develops several activities carried inside the Grupo de Pesquisa Linguagens Geográficas in partnership with Grupo de Pesquisa (Geo)grafias, Linguagens e Percursos Educativos, both linked to Rede Imagens, Geografias e Educação. In the context of this project is a doctoral research FROM SOUNDS OF SPACE TO THE SONOROUS CARTOGRAPHY OF THE DOURADOS CITY - BY A BECOMING NOT DEAF OF GEOGRAPHY. We analyze the teaching of geography and place the images this process. Based on the philosophy of difference we pointed out the power of working with spatial sound by the prospect to enrich the geographic reference and allow other cartographical possibilities.

Keywords: Space bends, Cartography, Sonorities

O ensino de geografia atravessado pela filosofia da diferença

O ensino de geografia não se resume à transposição de conteúdos, cujo principal referente seria a superfície terrestre em sua composição, formas e dinâmicas. Se assim tivesse que ser, o ensino de geografia encontraria sua limitação e correria o risco de se tornar uma disciplina obsoleta, pois considerando a diversidade que compõe a superfície terrestre, sua constante transformação e virtualidades, como dar conta de conhecer e de

* Prof. Dr. em Geografia do Departamento de Educação da FCT/UNESP. Coordenador do GPLG.
cbenito2@yahoo.com.br

** Prof. Me. do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná-IFPR/Câmpus Ivaiporã
Doutorando em Geografia pela UFGD. Membro do GPLG.
bianchi.gobbo@ifpr.edu.br

transpor tudo o que a abrange? O que se faz na prática é selecionar determinados conteúdos que, de tempos em tempos, são considerados mais relevantes pelos que se aventuram a construir ementas de cursos ou aqueles promulgados a partir de documentos oficiais produzidos a partir de trabalhos de comissões organizadas pelos diversos especialistas na área.

Tantos são os problemas e as dificuldades enfrentadas no ensino de geografia que, a título de exemplo, sentimos a necessidade de buscar ideias e fontes alternativas aos grandes referenciais curriculares passíveis de oferecerem perspectivas mais condizentes com as necessidades verificadas em cada situação particular onde a prática docente acontece.

Não é incomum observar, no cotidiano em escolas de ensino básico, uma atitude de resignação por parte dos professores, na medida em que muitos se limitam a reproduzir conteúdos inscritos em materiais didáticos e paradidáticos sem ao menos problematizá-los minimamente, ou, quando se tenta ir além desses tipos de materiais, a busca por uma fonte que possa servir como reveladora de verdades redentoras, na medida em que se crê de antemão na possibilidade de haver uma verdade que explique o mundo tal como ele se evidencia em sua aparência. Neste último caso, tenta-se reforçar concepções fechadas de como o mundo é ou deveria ser, instaurando nesse processo elementos moralizantes com base em proposições ditas científicas.

Diante disso, com o fito de não incorrermos numa dessas posições, um caminho viável seria mantermo-nos abertos e mesmo buscarmos e/ou experimentarmos formas diversas de conhecer o mundo, não necessariamente descartando os clichês imagéticos e discursivos que se colocam como verdades em si, tomadas como inquestionáveis, mas fazendo fugir esses referenciais estabelecidos e dogmáticos, provocando derivas

minoritárias a partir de sua condição de hegemonia discursiva ou comportamental (DELEUZE, PARNET, 1998).

Para tal, tanto a concepção de tempo quanto a de espaço que temos como culturalmente instituídas precisam sofrer certa desestruturação, ou seja, o tempo uniforme e evolutivo (passado, presente e futuro), que desemboca sobre um espaço presentificado, o qual se coloca como uma extensão externa ao corpo que nele se localiza, portanto, um espaço também uniforme e resultado de somatória de partes fixas e mensuráveis. Esta maneira de compreender o espaço-tempo, fortemente incorporada pelos referenciais científicos e implementados pelas estruturas administrativas da territorialidade, pautada na ordem do Estado-Nação (MASSEY, 2009; SANTOS, 2007), não se sustentam diante da dinâmica múltipla e diferenciadora da espacialidade/vida.

O espaço nunca pode ser definitivamente purificado. Se o espaço é a esfera da multiplicidade, o produto das relações sociais, e essas relações são práticas materiais efetivas, e sempre em processo, então o espaço não pode nunca ser fechado, sempre haverá resultados não previstos, relações além, elementos potenciais de acaso [...]. O ímpeto de movimento e mobilidade, para um espaço de fluxos, só pode ser alcançado através da construção de negociação (e uma responsabilidade para negociar) entre tendências conflitantes. A reestruturação da geografia dessa simultaneidade de estórias-até-agora. Isto não é a aniquilação do espaço, mas uma reorganização radical dos desafios que a espacialidade coloca (MASSEY, 2009, p. 144).

Essa observação de Massey, a respeito dos desafios que se coloca para a geografia atual, é fundamental para nossas preocupações neste artigo. Se temos espaço múltiplo, contingencial e diferenciador, as diferentes perspectivas de como o discurso científico da geografia aborda tal fato é seu limite e sua possibilidade de efetiva contribuição para melhor pensarmos o sentido de nos localizarmos e nos orientarmos no mundo atualmente. Reestruturar a maneira de pensar o espaço coloca esse desafio de não se acomodar a facilidade da tradição de estudos que se encerram em uma uniformidade temporal evolutiva, a qual justifica a somatória de partes fixas que se

entende como extensão do espaço, fechando o mesmo nessa idéia de representação cartográfica.

Mas o abrir-se para a dinâmica móvel e múltipla da espacialidade não pode ser o pular no abismo e ficar imerso no caos em si, mas “buscar negociações” que permita territorializar o pensamento nesse processo de constante desterritorialização (DELEUZE, GUATTARI, 2007). Nesse aspecto, engravida-se um pensamento geográfico, o qual passa a agenciar linhas, enunciados e corpos que permitam traçar diagramas a gestarem outra cartografia possível para a linguagem científica da geografia. Uma cartografia que não se restrinja a representar a uniformidade extensiva do plano espacial, mas que também não se volatilize em meio ao fluxo constante da infinita multiplicidade espacial.

O pensar geográfico que se dobre em tal cartografia toma a multiplicidade diferenciadora de tempos coexistentes na simultaneidade do agora espacial (MASSEY, 2009), para isso, o plano de referência a ser traçado cobra certa desaceleração através de uma cartografia que estabeleça diagramas da mobilidade espacial ao invés de representações que fixam os pontos e a extensão dos fenômenos. Essa cartografia é o dobrar do extensivo espacial no intensivo dos corpos/espacos, um pensamento pesado, singular e trágico (ESCOBAR, 2000) a se desdobrar numa geografia atravessada pela diferença, pela multiplicidade, pela vida (FERRAZ, 2015).

A geografia assim acontecendo é que reverbera no ensino, ou seja, é na sala de aula que se estabelece esse conflito desse encontro entre o discurso uniformizador da disciplina geográfica e a vivência da multiplicidade dinâmica dos corpos/espacos, entre uma linguagem que se prende na extensividade do espaço representado e a intensividade fragmentada do espaço a acontecer pelos/nos corpos

O corpo é espaço/pensamento, um “pensamento pesado” enquanto múltiplas forças que rompem com a visão linear, uniforme e ideal de

uma razão “limpa” em separado da materialidade da vida, de um homem separado e superior a natureza, de uma verdade essencial e definitiva que elimina toda a incerteza e falsidade da vida (FERRAZ, 2015, p. 68).

Na sala de aula temos esse conflito de concepções, é nela que a negociação apontada por Massey (2009) pode ocorrer. Aí o papel do professor se coloca como um negociador, um agenciador de enunciados e corpos na possibilidade de instaurar a força criativa do pensamento. Nesse momento, cabe derivas da observação de Foucault:

Meu papel – mas esse é um termo muito pomposo – é o de mostrar às pessoas que elas são muito mais livres do que pensam ser; que elas têm por verdadeiros, por evidentes, alguns temas que foram fabricados num momento particular da história, e que essa suposta evidência pode ser criticada e destruída (FOUCAULT, 1994, p. 778).

Assim delineamos o que entendemos ser o professor, não como resultado de uma definição que fixe sua identidade, mas como um corpo em processo constante de atualização de sentidos possíveis, ou seja, um ser enquanto busca pela criação do pensar, um intelectual forçado a criar pensamentos em coletivo, com seus alunos; mas pensar aí não é reproduzir os clichês já estabelecidos como verdades dadas, as quais “foram fabricadas num momento particular da história”, portanto, os fatos e evidências precisam ser analisados em perspectiva histórica, desterritorializando-as de sua uniformidade temporal para podermos reterritorializar outros referenciais e sentidos espaciais possíveis.

O trabalho docente, para se tornar uma força potencializadora de criação de pensamentos, não pode se resumir a transmitir ou traduzir dados, fatos, noções, pois o conhecimento está inscrito em dinâmicas socioespaciais, são múltiplas histórias que coexistem na simultaneidade do presente espacial (MASSEY, 2009). Tal conhecimento não é fruto de um sujeito pensante, mas de um agenciamento de corpos e enunciados, é um processo coletivo a acontecer num dado momento e local, o qual pode ser a sala de

aula, mas ali não para, se abre, salta muros, de forma nômade e contingencial trilha caminhos em aberto, afetando outros corpos/lugares e sendo afetado pelos mesmos.

Nesse sentido, enquanto professores, não podemos nos seduzir pelo poder de ser um professor-profeta (GALLO, 2013), aquele que detém a verdade e anuncia o caminho da redenção, nosso desafio é maior, temos de ser atravessados pelo plano político da ação pedagógica, sermos professores-militantes, não no sentido de formatar pensamentos e posturas para um ideal de homem do futuro, mas de praticar coletivamente a produção criativa de pensamentos, afetos e atitudes que visem a diferenciação afirmativa da vida, escapando dos modelos de enclausuramento, seja de integração aos padrões comportamentais do consumo mercadológico, seja em modelos pré-estabelecidos de crítica ao sistema.

Um professor assim não busca estabelecer um modelo cartográfico de como se pensar e agir, mas instiga linhas de experiência. O desafio político é pensar o ensino de geografia enquanto experienciar possibilidades (LARROSA, 2014). Experienciar é ato político que não se resume ao método de busca das causas últimas ou de controle de efeitos desejados. Experiência é criação, não é o mesmo que experimento, o qual se coloca como vocábulo maior da linguagem científica institucionalizada, entendido como reprodução do já sabido.

A ciência moderna [...] desconfia da experiência. E trata de convert^{la}-la em um elemento do método, isto é, do caminho seguro da ciência. A experiência já não é o meio desse saber que forma e transforma a vida dos homens em sua singularidade, mas o método da ciência objetiva [...]. Mas aí a experiência converteu-se em experimento, isto é, em uma etapa no caminho seguro e previsível da ciência [...]. Se o experimento é repetível, a experiência é irrepitível, sempre há algo como a primeira vez. Se o experimento é preditível e previsível, a experiência tem sempre uma dimensão de incerteza que não pode ser reduzida (LARROSA, 2014, p. 33-34)

A força da ação do professor na sala de aula, portanto, não é reproduzir verdades científicas já fixadas, forçando alunos a reproduzir experimentos científicos,

disciplinando os corpos e mentes para a obediência do predizível e previsível. A experiência em sala de aula é, por conseguinte, a constante e imprevisível busca por novas leituras e pensamentos, que abram os sentidos e não que os encerrem no já definido. A experiência é um processo em aberto que busca o dissenso do pensar e não o consenso das opiniões.

[...] o consenso se instala quando a sociedade está plenamente administrada, controlada, quando a diferença não é sequer aceita. O consenso está instaurado quando, em nome da igualdade, a diferença é negada, apagada. No consenso, temos governabilidade, temos polícia. E não temos igualdade, de fato, porque ela se limita ao direito à igualdade – a igualdade fica reduzida ao conceito, à representação. (GALLO, s/d, p.12).

Destacamos, dessa afirmação de Gallo, que o sentido de igualdade não é a igualação do não igual (NIETZSCHE, 2014), mas sim o estabelecimento de uma territorialidade possibilitadora do equilíbrio das condições de criação e territorialização da vida para todos que ali se encontram, de forma a atualizar o sentido de igualdade pela produção das diferenças, afirmação de singularidades em constante processo de diferenciação (DELEUZE, s/d), não restringindo essa igualdade a mero conceito que camufla enquanto mero direito dos não iguais. Dessa forma, não é a igualação do não igual, mas a igualação das condições de se diferenciar na criação, ou seja, de instigar forças que não cabem no regime da representação, de modelação e fixação da realidade, se fechando numa cartografia que uniformiza e hierarquiza em estruturas rígidas a diversidade socioespacial, mas de uma cartografia em aberto à dinâmica diferenciadora da vida enquanto multiplicidade espacial.

A experiência é a possibilidade de acontecimento dessa cartografia que não se subsume aos parâmetros da representação, não visa reproduzir as formas fixas do consenso espacial, mas busca expressar a dinâmica das linhas e forças que provocam a criação. A experiência como prática do pensamento na escola é um tensionar com a

maquinaria estatal que visa estriar o espaço escolar no contexto disciplinador de corpos e mentes (GALLO, 2013).

O Estado é aparelho conservador de um estado de coisas e suscita formas de pensamento que representem esse estado de coisas desejados pelo aparato estatal. O Estado, como uma máquina territorializante de determinadas formas de pensar e viver, agencia valores morais, pensamentos e funções modelares para poder operar e projetar suas ramificações hierarquicamente no território extensivo que administra. Ele tem necessidade de definir um dentro e um fora, tem necessidade de estabelecer *fronteiras* (DELEUZE e GUATTARI, 2007) e de se apoiar em determinados processos de subjetivação para legitimar o exercício de poder. A linguagem científica majoritariamente praticada é a que mais se adéqua a esse propósito no período histórico do capitalismo. Como, então, manter uma posição resignada em nossa prática docente?

O cuidado que devemos ter, enquanto professores de geografia, é o de não cairmos no engodo de contrapor verdades já estabelecidas pela máquina estatal com outras verdades idealizadas pelo desejo de controlar o maquinário estatal. Há nesta formulação um sentido muito preciso. Não estamos aqui advogando em nome da mentira ou da verdade em si, como duas e antagônicas essências puras, nem mesmo nos posicionamos à favor de relativismos filosóficos. O problema aqui é não se limitar à reprodução de ideias tomadas como consensos de verdades. Nessa linha, o ensino de geografia é aquele que possibilita a criação de pensamentos não sobre o, mas como o acontecer do mundo, como lugar no momento dos encontros dos corpos (GOBBO, FERRAZ, 2015).

É, portanto, a partir desse escopo geral que vislumbramos a pertinência de aproximarmos o ensino de geografia com a arte. É comum o uso de imagens, mapas, infogramas, fotografias, audiovisuais, músicas, pinturas no ensino, haja vista que essas

formas estão presentes em materiais didáticos. Todavia, o uso desses materiais não são entendidos como encontros e intercessores entre linguagens, mas como recursos didáticos. Para não reduzi-los a meros recursos, algumas considerações tornam-se necessárias à respeito da arte para que possamos ampliar a potência contida nas variadas formas artísticas e, assim, possamos realizar experiências, estabelecendo encontros entre arte e ciência.

As imagens e sons na cartografia sonora

Deleuze e Guattari consideram arte, filosofia e ciência como formas de pensamento distintos, mas que se comunicam determinando-se mutuamente (DELEUZE, GUATTARI, 2010). Em linguagem deleuze-guattariana, arte produz afectos e perceptos, a filosofia produz conceitos e a ciência, proposições lógicas e functivos. Mas o que nos interessa dessa tipologia de ações do pensamento é que, para os autores, esses planos distintos permitem formas distintas de se criar pensamentos, contudo, eles estabelecem intercessores e derivas de um plano no outro conforme os encontros ocorram. Assim, uma obra artística pode afetar um pensamento filosófico, potencializando a criação de conceitos, assim como um conceito filosófico pode provocar um pensamento científico a elaborar proposições sobre um estado de coisas e assim por diante.

Partindo desse referencial, entendemos nossa experiência com sons e vídeos como forma de nos dobrarmos sobre elementos estéticos de maneira a provocar pensamentos científicos na geografia a ser trabalhada no universo escolar. A princípio, um aspecto se destaca desse encontro entre a linguagem artística de sons e imagens e a linguagem científica do discurso geográfico na sala de aula, qual seja, o problema da forma como se aborda a linguagem artística. Geralmente a prática científica, notadamente no universo escolar, reduz a força criativa da arte a ser um recurso didático

que visa ilustrar determinado conteúdo, de maneira a facilitar a compreensão do conteúdo, ou seja, que os alunos possam reproduzir a informação de forma correta. Nesse procedimento, não existe o estímulo criativo, não se produz pensamento, empobrece a força do pensamento geográfico e sufoca a potência de sensações artísticas.

Atendo-se à essa problemática, Ferraz (2015) propõe que nos preocupemos com a necessidade de abordar as linguagens artísticas no interior da escola, principalmente as sonoras e imagéticas, de maneira que possamos ampliar nossa capacidade de ler e trabalhar essas linguagens, não para sermos artistas, mas para potencializarmos a força das mesmas no processo de criarmos pensamentos e imagens espaciais mais atualizadas com as necessidades e desejos sociais.

Assim, analogamente ao que ocorre com relação às imagens no ensino de geografia, imagens que vem servindo como meras ilustrações utilizadas para exemplificar ou reforçar o que os discursos, pautados na lógica do rigor das palavras, colocam para confirmar o valor de verdade das proposições científicas da geografia, os sons, em suas variadas formas (ruídos, cantos, gritos, assovios, maquínicos, músicas) também são utilizados como meras ilustrações dos discursos científicos da geografia (quando os são).

Se considerarmos sons - música e ruído – como forças enunciadoras das dinâmicas espaciais, abre-se para o professor de geografia todo um universo de possibilidades para criar outras perspectivas de leitura e vivência espacial. A questão não é de o professor ter de ser músico, mas de assumir sua força agenciadora de enunciados e corpos sonoros. Fazendo isso, ele será capaz de traçar linhas de encontros entre sons, imagens e palavras, de maneira que possamos ampliar o sentido de percepção sonora como forma de colocarmos em deriva as concepções já estabelecidas

do que vem a ser música, do que vem a ser ruído e, principalmente, de que a geografia é um conhecimento basicamente pautado na visão (SANTOS, 2007; SCHAFER, 2011).

Nesse aspecto, o trabalho com a sonoridade não significa substituir a máquina olho pela máquina ouvido, mas saber exercitar esses maquinários, ou seja, o dever sonoro do olhar assim como o dever olhar do ouvido com mais intensidade, exercitando habilidades intelectuais e procedimentais que permitam melhor perceber e pensar o mundo. O que estamos aqui apontando não é o mesmo que propõe Schafer (2011) com a “paisagem sonora” por ele conceituada como um arranjo sonoro que dá identidade musical a um território.

O mesmo pode-se dizer de Murray Schafer. Quando ele propõe uma escuta pensante, preocupada em ouvir ativamente os espaços sonoros cotidianos, articulando os sons ambientais, o seu principal interesse refere-se à questão de saber o que os diversos sons que apreendemos no nosso espaço cotidiano significam [...] ao sugerir que ouçamos determinada paisagem como musica [...] ele pede que o ouvinte ponha em ação uma idéia de música que é dada de antemão. Nesse caso, o jogo que ocorre é muito mais o de territorializar a escuta do ambiente do que o de desterritorializar a escuta musical (SANTOS, 2002).

Fazendo uso dessa observação de Fátima Santos para o nosso corte do pensamento geográfico, podemos inferir que, para desterritorializarmos o sentido de geografia como fixadora de identidades numa extensão territorial, ao invés de buscarmos a uniformidade de representação daquela realidade em forma de som, como Schafer almeja, devemos buscar as linhas de fuga desse sentido de perceber o espaço e deixarmos nos afetar pela sonoridade como algo desterritorializante, a qual coloca em fuga esse sentido de determinação visual que se impõe sobre o sonoro.

Desterritorializar a visão para reterritorializá-la sonoramente, ou seja, imaginar a partir dos sons, eis o desafio de uma cartografia que não se pautar na representação, a qual é determinada pela forte presença do visual. Colocar em deriva essa força visual, mas não eliminá-la, mas fazê-la tensionar pelo encontro com a sonoridade espacial.

Na geografia, comumente os estudos paisagísticos prioriza os aspectos visuais, as formas dos objetos que compõem as paisagens. Nesse sentido, estamos percebendo que, caso a geografia se atenha mais à dimensão sonora do espaço, desenvolvendo estudos que articulem suas forças instigadoras de imagens e sensações aos sons do espaço, podem-se abrir consideráveis possibilidades de leituras espaciais. Isso reverberará no ensino, permitindo-o potencializar sentidos outros e suscitar novas cartografias, não limitadas aos aspectos rígidos da localização visual dos fenômenos, haja vista que sons são extremamente dinâmicos e fluídos.

A proposta de uma cartografia sonora se desdobra desses aspectos, pois visa captar imagens a partir dos sons do local, não para representar o local em imagens que o fixem e limitem a uma identidade em si, mas para expressar sentidos visuais e sonoros em aberto, estimular a escuta e afetar sonoramente o pensamento, construir imagens espaciais a partir da força dos sons.

Dobras do espaço: experimentando outras cartografias

Partindo, então, das considerações que tecemos anteriormente, sobretudo, naquilo que se refere ao ensino de geografia, a articulação entre formas de pensamento e a sonoridade espacial, iniciamos uma pesquisa sobre como os sons em determinada extensão territorial constroem e nos permitem desconstruir nossa concepção visual dos lugares,; tomamos para isso, em nível de experimentação, a sonoridade de partes da cidade de Dourados.

A escolha de Dourados como espaço de análise se justifica em função de sua história de formação, que concentrou pessoas com diversas trajetórias e provenientes de vários lugares, forjando um espaço de coexistência do diverso, de múltiplas culturas; pela sua localização próxima à fronteira com o Paraguai e por ser onde a UFGD se localiza, fato este que facilita a pesquisa do ponto de vista logístico.

Dourados se constitui enquanto lugar a partir do conflito que envolve setores econômicos capitalistas, indiginistas e religiosos, no qual formas de conservadorismos e de arcaísmos produzem paisagens diversas, apresentando assim diferentes formas espaciais que se regionalizam em conformidade do conflito e tensão dos desejos dos corpos sociais que ali se encontram, formando em seu conjunto um grande corpo urbano. Isso nos põe a pensar e a selecionar alguns elementos, fazer recortes passíveis de referência conceitual e produção imagética.

Este é o sentido que nos mobiliza para tecer essas considerações a respeito do ensino de geografia e sua relação com a arte, pois assim como assevera Foucault (1994), o papel do intelectual (professor) é de lutar contra as formas de poder, mas não apenas isso, é também o de produzir o estranhamento, disjunções, inverter e agenciar perspectivas outras. Aí cabe a mobilização de formas artísticas, pois pela sua própria forma de articulação é potência desestabilizadora de pontos de vista fixos.

No entanto, as formas artísticas realizam suas potências quando, ao invés de representar as verdades como queria Hegel, elas se dobram sobre os corpos agenciando com eles outros sentidos (ORLANDI, 2014), desdobrando-se em outros possíveis. Sobre o conceito de dobra, segundo Deleuze:

O andar de cima dobra-se sobre o de baixo. Não há ação de um a outro, mas pertença. A alma é princípio de vida por sua presença e não por sua ação. A força é presença e não ação. Cada alma é inseparável de um corpo que lhe pertence e está presente a ele [...]; todo corpo é inseparável de almas que lhe pertencem e que estão presentes a ele por requisição [...]. É precisamente assim que os dois andares distribuem-se em relação ao mundo que eles expressam: o mundo atualiza-se nas almas e realiza-se nos corpos. Portanto, ele é dobrado duas vezes nas almas que o atualizam e é redobrado nos corpos que o realizam (DELEUZE, 1991, p. 198-199).

Tal conceito implica em pensar o espaço como corpo (FERRAZ, 2015), ou seja, o acontecer do mundo enquanto lugar; nessa perspectiva, o mundo não é apenas a extensão externa a um indivíduo, mas sim encontro dos corpos, os quais dobram as

forças externas e extensivas em intensividades que acontecem enquanto corpo espacial múltiplo e em diferenciação, um pensar pesado e singular (ESCOBAR, 2000). Espaço aí é o acontecer trágico da vida, processo constante da contingencialidade dos encontros dos corpos enquanto lugar, forças dobradas e redobradas, externalidade e internalidade, pois são constituídos por corpos ao mesmo tempo extensivos e intensivos (GOBBO, FERRAZ, 2015).

O externo se dobra no interno e este se desdobra no externo, constantes dobras e redobras, o que permite pensar a geografia não mais restrita, como majoritariamente se faz, à ciência do espaço enquanto representação da externalidade. Torna-se necessário considerar as forças extensivas do espaço na intensividade espacial dos corpos (GOBBO, FERRAZ, 2015), sem o qual não consegue compreender as dinâmicas dos lugares como acontecimento da vida (FERRAZ, 2015).

Como desdobrar desses encontros, temos na geografia a criação de uma cartografia para além do mapa representacional, requerendo outras formas de expressar lugares. A sonoridade se torna aí elemento imprescindível na medida em que, por sua própria forma de expressar, é dinâmica. Mesmo levando em conta as enormes dificuldades de se elaborar outras cartografias, tal qual aponta Girardi (2013), um caminho que estamos experimentando é a aproximação de formas artísticas com formas cartográficas por meio da elaboração de audiovisuais, no caso aqui foi a criação do vídeo “As Dobras do Espaço: uma cartografia sonora da cidade de Dourados”¹.

Esse audiovisual foi uma tentativa de experienciar outras possibilidades cartográficas, mas requereu, todavia, a elaboração de metodologias viabilizadoras para agenciar informação sobre o local a ser expressando vídeo-sonoramente, informações que são impressões nunca exatamente objetivas sobre os pontos no território extensivo a

¹ O vídeo “As Dobras do Espaço: uma cartografia sonora da cidade de Dourados” está disponível em https://www.youtube.com/watch?v=uyj-QDe2_1U

ser registrado e editado, os elementos perceptivos da própria materialidade da cidade de Dourados em suas relações que se multiplicam e diferenciam em imagens, odores, sons, silêncios e sensações táteis.

Como apontado anteriormente, nosso método cartográfico (PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA, 2012; KASTRUP, 2014) consiste em traçar linhas e intercessores entre pensamentos científicos, filosóficos e artísticos e, também, vivenciar a sonoridade em aberto do corpo urbano de modo a potencializar outras *sensibilias*, de maneira a expressar ideias e sentidos outros no mundo.

Esses são os parâmetros delineadores do nosso plano de referência para podermos nos localizar na relação entre imagem e som como meio de ampliação das possibilidades de leituras espaciais e de criação de outras perspectivas para o professor trabalhar geografia.

Nossa intenção não é focar a imagem e aí encaixar músicas, como usualmente se faz com vídeos musicais, mas pensar as músicas como instauradoras de imagens virtuais que se atualizam em sensações e pensamentos até então não delineados, ou elaborados. Outra questão que buscamos evitar, decorrente da primeira, se coloca frente a tendência de se usar imagens como ilustração das palavras presentes nas músicas, as letras das canções. Ambas as formas de se trabalhar esses recursos reduzem as potências criativas dessas linguagens a mera ilustração, inibindo a capacidade de se exercitar outros olhares, sensibilidades e pensamentos a partir da interação entre imagem e música (FERRAZ, FERNANDES, 2012, p. 240).

Essas palavras reverberam em nossas intenções com a experienciação vídeo-sonora praticada. Nesse sentido, o vídeo que elaboramos como uma cartografia sonora de Dourados alterna sons e silêncios, imagens da cidade, mapas representacionais e animações do *Google Earth* que são, intermitentemente, antepostos e sobrepostos pelos sons capitados e pela sonoridade musical alocada no momento de edição. A musicalidade presente visa estriar e definir o sentido de geografia, mesmo que em seu

caráter poético de enunciação², e por ruídos e sons, transformados por programa específico de computador, de maneira a pontuar linhas de fuga das/nas canções, instigando espaços lisos e forças minoritárias, presentes no caos urbano da cidade, mas que foram assim expressos no vídeo.

A sobreposição de sons e imagens força o sentido de dobras e redobras apresentados no audiovisual e apontam para essas linhas flexíveis, esses espaços maleáveis, não passíveis de uniformidade extensiva em si. Nossa ideia foi trabalhar com intensidades e não com significantes da ordem representacional. A experienciação não visa explicar o que é Dourados, mas se constituir enquanto força a dobrar as percepções dos corpos/pensamentos, que por sua vez se desdobram em ideias e outras perspectivas sobre a cidade. Não tem a intenção de ser um recurso didático, mas de buscar incomodar os professores de geografia nos possíveis encontros que tiverem com o vídeo.

A edição das imagens e sons focou corpos e objetos alternando imagens mais definidas, expressarem a forma de algo reconhecível no mundo, uma representação momentânea de algo passível de identificação, com a distorção dessas formas reconhecíveis conforme a sonoridade vai sendo mobilizada para a fuga por meio de canções, a princípio pautadas em harmonias reconhecíveis de significado e apreciação, mas que acabam atravessadas por ruídos, distorções, sujeiras sonoras.

No vídeo, a escala do mundo se dobra na escala dos corpos, dos objetos e fenômenos, sugerindo, em conformidade com o pensamento de Massey (2009), o caráter inacabado dos lugares. É neste ponto que a cartografia representativa encontra seu limite, pois ao privilegiar a precisão das localizações no interior de um sistema de

² As letras das músicas presentes no vídeo são de autoria Luiz Carlos Flávio (Prof. Dr. em Geografia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná), mas foi trabalhada com efeitos sonoros por Anedmafer M. Fernandes e Laio Freitas, pesquisadores do GPLG.

coordenadas, ela acaba por fixar a imagem dos lugares numa dada forma passível de representação matematizável.

Os sons são forças que tornam evidente a simples ideia do espaço não ser dado *a priori*, pura extensionalidade sobre o qual as coisas se distribuem e se localizam, mas algo que, para a geografia, só acontece no encontro com os corpos que o intensificam de sentidos e possibilidades da vida acontecer (FERRAZ, 2015); isso é almejamos expressar com a articulação da sonoridade no componente imagético do vídeo. Cabe aqui reforçar que não basta o “ouvido pensante” de Schafer (2011), pois a escuta não pode se limitar à busca de significados a partir dos sons com significantes. Há outras possibilidades, no qual vale a consideração de Fátima C. Dos Santos (2002), pois a ideia aqui é praticar a “escuta nômade”. Esta seria um modo de permitir nos desterritorializar do espaço já dado e nos deslocarmos de nossas zonas de conforto, “onde” tudo é reconhecido, representável e fixado em uma identificação.

Nossa cartografia sonora em vídeo não visa fugir da representação, mas tendo a esta como referência, instigar pequenas derivas minoritárias nessa forma de pensar o mundo, ou seja, instigar linhas de fuga na forma de representação como modelo e imagem do pensamento espacial. A sonoridade aí contribui, mas não para ficar apenas no lado do som em si, mas como encontros, atravessamentos e tensões entre a representação e o que nela não se territorializa, escapa, está fora.

Nossa experimentação é, portanto, ao mesmo tempo uma forma de cartografar, conhecer a cidade de Dourados, e uma maneira de possibilitar a fuga dessa forma de representar e fixar a imagem visual da cidade, colocando o estranhamento e o ruído como elementos a rasurarem a sonoridade harmoniosa das canções e das imagens que dizem como deve ser exatamente, modelarmente, a representação cartográfica desse corpo urbano.

Conclusão

Numa passagem do livro “Cartografia sentimental”, Suely Rolnik (2014) nos brinda com o seguinte pensamento.

Entre a vibratibilidade do corpo e sua capacidade de percepção há uma relação paradoxal. É a tensão desse paradoxo que mobiliza e impulsiona a potência de criação, na medida em que nos coloca em crise e nos impõe a necessidade de criarmos formas de expressão para as sensações intransmissíveis por meio das representações de que dispomos. Assim, movidos por esse paradoxo, somos continuamente forçados a pensar/agir de modo a transformar a paisagem subjetiva e objetiva (ROLNIK, 2014, p. 13).

Essas palavras nos movem na proposta desse texto e do vídeo a ele relacionado. Tentamos experienciar outras formas de expressão que permitam o pensamento encontrar novos sentidos de orientação e localização espacial, não mais restringindo a um ponto na extensão da superfície do território, passível assim de ser representado num plano uniforme e fixador de uma determinada forma de pensar e imaginar o espaço.

O professor, no caso de geografia, passa a ser fundamental nesse processo de negociar as diferentes concepções, de agenciar diferentes enunciados e corpos no sentido de instaurar a possibilidade do pensamento acontecer, de se criar coletivamente as ações e pensares possíveis, que não se prendam ao já dado, ao clichê, ao consenso, ao experimental da representação em si, mas também que não se contente em apenas questionar ou se iludir com uma anteposição simplista e dualista, pois o que instiga é a multiplicidade diferenciadora e contingencial da vida, aí uma cartografia é pertinente e desejável, pois pode traçar diagramas que permitam agir e criar o mundo e não apenas representá-lo em modelos em si.

O professor é o corpo articulador, um vórtice espacial que potencializa a criação coletiva de pensamentos através de conceitos, obras e proposições; sua ação permite o mundo ser possível no contexto da sala de aula. Fazer a geografia não se restringir a

identificar o que é do físico e o que é do humano, mas instigar os corpos a se entenderem como o acontecer espacial, de um meio capaz de produzir vida/pensamento.

A geografia não se contenta em fornecer uma matéria e lugares variáveis para a forma histórica. Ela não é somente física e humana, mas mental, como a paisagem [...]. Ela arranca do culto das origens, para afirmar a potência de um “meio” (o que a filosofia encontra entre os gregos, dizia Nietzsche, não é uma origem, mas um meio, um ambiente, uma atmosfera ambiente...) (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 125).

Segundo os pensadores franceses, a geografia é mais que as externalidades extensivas das relações humanas e físicas na Terra, ela também é mental, ou seja, ela também é as forças intensivas que o corpo/pensamento elabora nesse encontro com o meio. Por isso que o pensamento geográfico não visa explicar as origens das coisas, mas apontar as condições do meio espacial em que o pensamento/vida acontece, um meio que não se restringe aos elementos externos, mas articula este a uma “atmosfera”, a forças intensivas que acontecem nos corpos enquanto lugar desse acontecimento, pelas infinitas dobras que é a vida – a cartografia sonora é uma das formas de expressão que podemos elaborar para dar sentido de possível para essas dobras enquanto acontecimentos espaciais.

Referências bibliográficas

- DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. Porto (Pt): Rê's Editora, s/d.
- DELEUZE, Gilles. **A Dobra**: Leibniz e o Barroco. Papiruz Editora, 1991.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil planaltos**: capitalismo e esquizofrenia 2. Lisboa: Assírio & Alvim, 2007.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é Filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 2010.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.
- ESCOBAR, Carlos H. **Nietzsche...dos “companheiros”**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.
- FERRAZ, Cláudio Benito O. Nietzsche Corpo/Espaço: do cinema para as geografias. In: AZEVEDO, A. F., RAMIREZ, R. C.; OLIVEIRA JR., W. M. (orgs.). **Intervalo I**: entre geografias e cinemas. Braga (PT): UMDGEO - Departamento de Geografia,

Universidade do Minho, 2015, p. 65-96. Livro eletrônico:
<http://hdl.handle.net/1822/35539>

FERRAZ, Cláudio Benito O; FERNANDES, Anedmafer M. Imagens Sonoras: exercício a partir das músicas selvagens. In: NUNES, Flaviana G.; FERRAZ, Cláudio Benito O, (orgs.). **Imagens, Geografias e Educação: intencões, dispersões e articulações**. Dourados (MS): Editora UFGD, 2012, p. 239-263.

FOUCAULT, Michel. **Dits e écrits** (vol. IV). Paris: Gallimard, 1994.

GALLO, Silvio. **Entorno de uma Educação Menor**. Revista Educação e Realidade , v. 27 n: 2, p. 169-178, jun. dez. 2002.

GALLO, Silvio. **Eu, o outro e tantos outros: educação, alteridade e filosofia da diferença**. S/d. Disponível em: <<http://www.grupodec.net.br/textos/>>. Acesso em: 13/06/2015.

GALLO, Silvio. **Deleuze e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

GIRARDI, Gisele. Mapas desejanter – uma agenda para a cartografia geográfica. In: **Pro-posições**. Campinas (SP): Faculdade de Educação da UNICAMP, v. 20, n. 3 (60), set/dez. p. 147-160, 2009.

GIRARDI, Gisele. Mapas alternativos e educação geográfica. In: **Revista PerCursos**. Florianópolis, v. 13, n. 02, p. 39 – 51, jul./dez. 2012.

GIRARDI, Gisele. Política e potência das imagens cartográficas na geografia. In: CAZETTA, Valéria; OLIVEIRA JR., Wenceslao M. (orgs.). **Grafias do espaço – imagens da educação geográfica contemporânea**. Campinas (SP: Editora Alínea, 2013, p. 69-86.

GOBBO, Bianchi A.; FERRAZ, Cláudio Benito O. Cartografias sonoras: o que pode um corpo sonoro/urbano? In: CHAVEIRO, Eguimar et all. **Anais do II Simpósio Internacional e III Simpósio Nacional Geografia, Literatura e Arte**. Goiânia: Gráfica UFG/Laboter, p. 96-111, 2015.

KASTRUP, Virgínia. Políticas Cognitivas na Formação do Professor e o Problema do Devir Mestre. In: **Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 26, n. 93, p.1273-1288, dez. 2005.

LARROSA, Jorge. **Tremores – escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. **Obras incompletas**. São Paulo: Editora 34, 2014.

ORLANDI, Luiz B. L. *Deleuze e Hegel – variações a respeito de necessidade de arte*. In: FORNAZARI, Sandro K. (coord.). **Deleuze Hoje**. São Paulo: Editora FAP UNIFESP, 2014, p. 543-568.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

ROLNIK, Suely. **Cartografias sentimentais – transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina Editora; Editora da UFRGS, 2014.

SANTOS, Douglas. **O que é Geografia?** Texto inédito. São Paulo: 2007.

SANTOS, Fátima C. **Por uma escuta nômade:** a música dos sons das ruas. São Paulo: EDUC, 2002.

SCHAFER, Murray. **Ouvido pensante.** São Paulo: Ed. UNESP, 2011.